



TEATRO BRINQUEDO
 JOÃO SINHO ANDA pra TRÁS
 DE BRASÍLIA PARA O RECIFE
 TIO JUCA
 Nos intervalos de cada espetáculo, TIO JUCA está divertindo as crianças do Recife, com um mundo de atrações: BRINDES! SORTEIOS! CONCURSOS!

TEATRO SANTA ISABEL
 Setembro de 1957
 ALFREDO DE OLIVEIRA
 apresenta
O MEDROSO
 peça em 3 atos, original de Gracya Mello, com diálogos de Miroel Silveira pelo

TEATRO PARA CRIANÇAS NO RECIFE – 60 Anos de História no Século XX

Leidson Ferraz

ela de Belém
 SA HASBUM
 classe
 0-1.º andar

AQUARIUS
Ce
 DE MARILU ALVAREZ
 DIREÇÃO: JOSÉ MA
TEATRO DE SANTA ISABEL
 gráfica Penafra
 APOIO: MINISTÉRIO DA CULTURA - INSTITUTO NACIONAL DE

Teatro MARROCOS
 ÚLTIMA SEMANA
 Companhia Internacional de Marionetas
HOJE
 às 20,30, Soirée
 Vespertal às 16 hs.
 VERDADEIRA CONSAGRAÇÃO INTERNACIONAL
 MAIS ORIGINAL ESPETÁCULO DE CRIANÇAS DO MUNDO !!!
 QUINTAS E SÁBADOS VESPERTAIS ÀS 16 HORAS
 AOS DOMINGOS
 VESPERTAL ÀS 16 HORAS

**TEATRO PARA
CRIANÇAS NO
RECIFE** – *60 Anos de História
no Século XX*

Leidson Ferraz

Incentivo:

FUN CULTURA



Secretaria de
Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO



Este trabalho tem a pretensão de salvar de uma certa morte parte da história teatral para crianças no Recife, reunindo momentos lúdicos, intensos, belos, equivocados, dramáticos e corajosos de tantas vidas. A começar daqueles que deixaram rastros de uma memória mínima, colhida em matérias de jornal ou raros programas de espetáculos. Por simplesmente terem tentado fazer algo com imaginação, coragem, respeito e amor à infância, ainda que alguns nem expressem tanto em suas produções, meu desejo é que nas linhas desta pesquisa continuem a existir ou simplesmente resistir ao esquecimento.

Recife, dezembro de 2013.





Agradeço aos que fazem o Funcultura, Arquivo Público Estadual de Pernambuco e a todos os artistas que me ajudaram com informações ou material de seus acervos. Dedico esta pesquisa a minha mãe, Luzinete de Castro Ferraz, que cultivou minha infância com tamanho zelo, e, em memória, a alguns amigos do teatro que estariam bem felizes com a conclusão de tamanha empreitada, Marco Camarotti, Luiz Souza, Carlos Salles e Bobby Mergulhão.

Leidson Ferraz

Ator, jornalista e pesquisador teatral





Ficha técnica

Texto, pesquisa, organização, edição e proponente cultural

Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa

Denni Sales

Elivânia Araújo

Mônica Maria

Revisão

Leidson Ferraz

Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação

Claudio Lira

Coordenação administrativa

Laurecília Ferraz

Nenhuma matéria jornalística está aqui reproduzida na íntegra, tendo todas as suas fontes, sem exceção, devidamente registradas, como respeito ao direito autoral das mesmas.

Este material é totalmente gratuito, não sendo permitida sua comercialização.

Contato: leidson.ferraz@gmail.com



ANOS 1960



Hermilo Borba Filho

N

os últimos dias de janeiro de 1960, quem reapareceu no noticiário teatral foi o Grupo Infantil de Comédias, agora definitivamente sem sua sede no Centro Paroquial Frei Casimiro. Tanto que as novas peças foram apresentadas em lugares distintos a partir de então. *A Borboleta Negra*, de Coelho Neto, e *Almas do Outro Mundo*, de Figueiredo Pimentel, dois textos curtos num único espetáculo, puderam ser vistas na sede do Moinho Recife Esporte Clube, no bairro da Encruzilhada. Já *Quando Chega a Felicidade*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, foi apresentada no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande. **No elenco, novos intérpretes, Paulo Roberto, Gilsonide Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro.** Ao final da sessão, houve o tradicional sorteio de brindes e um show de encerramento com participação da declamadora Teresa Maria.

Já o Departamento de Extensão Cultural e Artística promoveu, ainda em janeiro, no Teatro de Santa Isabel, além da abertura do VIII Salão Infantil de Arte, o espetáculo *Teatro, Música, Poesia*,

com alunos dos grupos escolares numa reunião de música orfeônica, fantoches, teatro de sombras, mímica e um quadro de Ariano Suassuna, *O Castigo da Soberba*, baseado na poesia popular nordestina, pelo Coral DECA. A direção foi entregue a Clênio Wanderley. A novidade era que este conjunto teatral com foco na produção para a infância, utilizando naquele momento o nome Teatro da Criança, voltou a ser chamado Teatro DECA, mantendo também elencos permanentes de crianças, adolescentes e adultos. Foram anunciadas, então, três novas montagens: *A Moratória*, de Jorge Andrade, pelo núcleo adulto; e, num único espetáculo, a encenação dos textos *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, e *Do Tamanho de Um Defunto*, de Millôr Fernandes, pelo núcleo de adolescentes.

O segmento teatral teve ainda mais um ganho em 1960 com a estreia, a 2 de fevereiro, no Teatro do Parque, do Teatro Popular do Nordeste (TPN), lançando a peça *A Pena e a Lei*, de Ariano Suassuna, sob direção de Hermilo Borba Filho e músicas de Capiba. A equipe veio ampliar o mercado teatral profissional da cidade, já atuante pela Companhia Nacional de Comé-

dias Barreto Júnior, liderada por este empresário que comemorou 30 anos de palco naquele ano; pelo Teatro Pernambucano, com Elpídio Câmara à frente; e Os Atores Profissionais Unidos, cuja direção era de Paulo Ribeiro. Com trajetória interrompida em 1962, mas retomada em 1966, inclusive inaugurando casa própria de espetáculos na avenida Conde da Boa Vista, o TPN tornou-se um dos grupos mais importantes do teatro brasileiro pelo desenvolvimento de estética tão própria, referência na pesquisa que uniu o teatro de inspiração brechtiana com o universo das manifestações populares nordestinas. Somente em 1966 sua atenção também ficou voltada ao teatro para a infância.

O início dos anos 1960 representou atividade extrema para o teatrólogo Alfredo de Oliveira, tanto que ele foi dirigir nova versão de *O Rei Mentiroso* na cidade de Maceió, em março daquele ano, a convite do grupo Os Dionysos, e, em abril, dirigiu a peça adulta *Assassinato a Domicílio*, de Frederick Knott, 1º trabalho que assumiu no Teatro de Amadores de Pernambuco, grupo que já contava com 19 anos de existência. Mas continuou parado o seu Teatro de Brinquedo... No entanto, numa sexta-feira, a 13 de maio daquele ano, um novo teatro foi inaugurado por ele no Recife: o Teatro de Arena. Situado na avenida Conde da Boa Vista, o espaço trouxe à cena não só uma inédita casa de espetáculos, de caráter mais íntimo, mas uma empresa teatral com dezenas de profissionais contratados. À frente, Alfredo de Oliveira em parceria com Hermilo Borba Filho, diretor do 1º espetáculo. A estreia da casa se deu com a peça *Marido Magro, Mulher Chata*, de Augusto Boal, já encenada pelo próprio autor em 1957, no Teatro de Arena de São Paulo, focalizando aspectos da juventude transviada de Copacabana.

Sendo o 3º do país neste estilo, na realidade com palco em semiarena, o Teatro de Arena surgiu no Recife quando apenas três outros teatros

Alfredo de Oliveira



estavam em funcionamento, o Teatro Marrocos, com suas chanchadas – naquele momento, como exceção, Procópio Ferreira apresentava *Lição de Felicidade*, de Somerset Maugham; o Teatro de Santa Isabel, que há pouco havia recebido sessões da peça *Assassinato a Domicílio*, do TAP, dirigida por Alfredo de Oliveira; e o Teatro do Parque, com Barreto Júnior na peça *O Futuro Presidente*, ainda que jornalistas alertassem na imprensa que a caixa do teatro necessitava de reparos urgentes. Em diversas entrevistas, Alfredo de Oliveira logo avisou sobre o seu teatro: “quero anunciar que é permitido traje esportivo apesar de não ser bem recomendando para o ar condicionado”. A casa de espetáculos funcionava de terça a domingo, com sessões às 20h30, sendo que, aos sábados, era possível ter duas apresentações, às 20 e 22 horas, e, aos domingos, às 16 horas (horário que, a partir de 1963, recebeu programação para a infância).

O lançamento do Teatro de Arena aconteceu dias antes do surgimento da TV no Recife, veículo que também contou com Alfredo de Oliveira

como um de seus principais diretores. Inaugurada no Brasil em 18 de setembro de 1950, a Televisão só chegou a Pernambuco quase dez anos depois, com a inauguração da TV Rádio Clube, canal 6, com 1ª transmissão no dia 4 de junho de 1960. E um verdadeiro furacão abalou o teatro pernambucano, que passou a ceder muitos de seus atores, técnicos e diretores para aquele quadro de profissionais contratados. Ainda assim, o teatro resistiu à competição. Também em junho, com distribuição de ingressos-convites e contando no elenco com alunos da Escola de Aplicação Cônego Rochael de Medeiros, além da colaboração de integrantes do seu elenco permanente de adolescentes, o Teatro DECA preparou no Teatro de Santa Isabel *A Bruxinha Que Era Boa*, no mesmo mês em que a autora Maria Clara Machado veio ao Recife para conversar com amigos. Recepcionada pelo escritor Osman Lins, a dramaturga mineira radicada no Rio de Janeiro teve passagem meteórica pela capital pernambucana e revelou que não sabia desta montagem que, com sucesso, voltou ao cartaz algumas vezes.

Em setembro, ainda comemorando 19 anos de trajetória, o Grupo Infantil de Comédias levou à cena, novamente, *Quando Chega a Felicidade*, do próprio diretor Valdemar Mendonça, no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, com sorteio de brindes e show ao final com a declamadora Teresa Maria. **No elenco, Paulo Roberto, Gilsonide Soares, Janete Pessoa, Catarina Ângela, Gilsonete Soares, José Pessoa, Minervina Pinheiro, Maria Castilho e Severino Pinheiro.** Naquele mesmo mês, o Teatro de Brinquedo, liderado por Alfredo de Oliveira, finalmente retomou suas atividades e apresentou a comédia para crianças *Joãozinho Anda Prá Trás*, de Lúcia Benedetti, com presença de orquestra regida pelo maestro Nelson Ferreira, autor das músicas. Nos intervalos, a personagem Tio Juca, vinda especialmente de Brasília, divertia a criançada com brindes, sorteios e con-

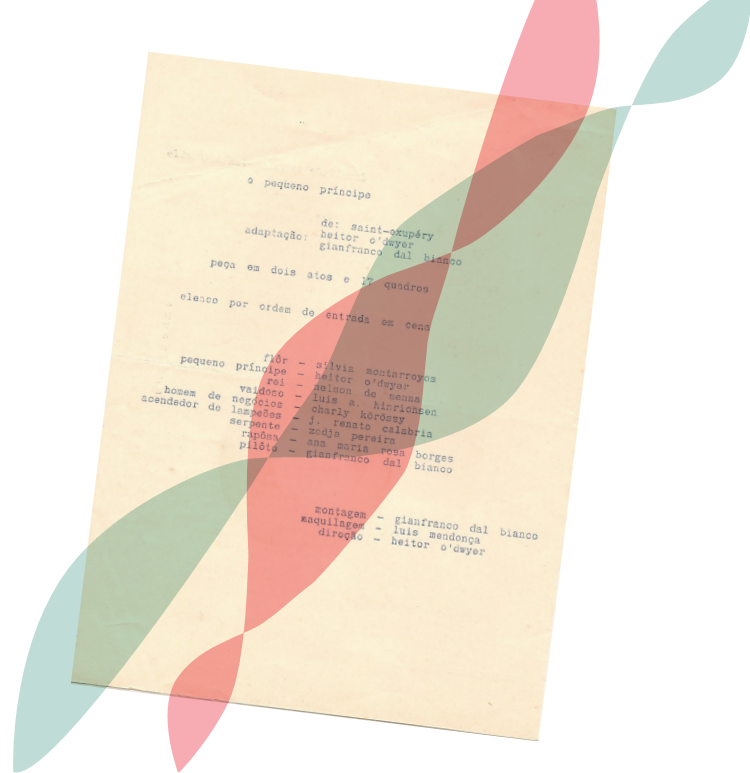


ursos. Mas mesmo com toda a divulgação de anúncios nos jornais (uma marca registrada das produções de Alfredo de Oliveira), a peça ficou menos de um mês em cartaz, aos sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel. Ainda em setembro, o Teatro da Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP) começou a ser construído, espaço que mais à frente passou a receber apresentações para a infância.

Texto de Graça Mello, *O Rei Mentiroso*, nova produção do Teatro de Brinquedo dirigida por Alfredo de Oliveira, estreou no dia 22 de outubro, às 16 horas, no Teatro de Santa Isabel,

e também passou pouco tempo em cartaz. Quem chamava a atenção da meninada naquele momento era o programa *Cirquinho na TV*, às 18h25, aos domingos, na TV Rádio Clube, contando com palhaços, trapezistas, malabaristas e diversas outras atrações. O programa sobreviveu anos, sendo um dos mais queridos da meninada daquela época. No teatro, foi anunciada a estreia de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, pelo estreante conjunto teatral Os Pequenos, sob adaptação e direção de Heitor Dwyer, com elenco formado por atores menores de 18 anos. O lançamento se deu a 15 de dezembro no auditório da Faculdade de Filosofia do Recife, na avenida Conde da Boa Vista. Na resenha publicada no *Diário de Pernambuco* (20 de dezembro de 1960) sobre a montagem, em espaço raro de se ver naquele período, seja pela pouca produção do gênero ou mesmo pela atenção mínima dos cronistas, Joel Pontes não foi nada favorável ao trabalho, mas também não esqueceu de valorizar a iniciativa dos artistas, com destaque à filha da atriz Geninha da Rosa Borges, Ana Maria Rosa Borges:

“Os pequenos”, grupo teatral que estreou sexta-feira com uma adaptação teatral de “O pequeno príncipe”, de Saint-Exupéry, é composto de meninos inteligentes, alguns dos quais filhos de artistas. Para mim é certo que eles amam o teatro, com um fervor e uma doçura que só a juventude pode ter. (...) É disto que precisamos falar: da distância infinita que existe entre o sentimento da poesia e sua materialização. (...) Os jovens de sexta-feira foram admiráveis no sonho, mas o espetáculo correu lamuriento como um óleo. Nada se ouviu da parte gravada e pouco da outra. Dezenas de acidentes técnicos, na luz e na cortina. Um primeiro ato contido no centro do palco, paupérrimo de efeitos plásticos da parte



dos atores embora belo algumas vezes pelo cenário. Atuação ardente de Ana Maria Rosa Borges, atriz na herança de sangue e na sensibilidade que deve cultivar. Aliás, nenhum ator pode ser apontado como destoante. Notam-se qualidades em todos êles: em Heitor O’Dwyer, Zodja Pereira e nos outros que apareceram para dizer meia dúzia de falas inconsequentes. O espetáculo... o espetáculo é que não foi. Tôda a sua beleza ficou na idealização do diretor. A falta de conhecimentos técnicos fê-lo conduzir o espetáculo num ritmo de elegia onde o que menos se sentia era o espírito de infância. As palavras mais falsas de Saint-Exupéry, as repetições mais exasperantes eram frisadas pelas pausas descabidas e pela quase imobilidade dos atores. Chegou a parecer doentia a amizade tão espiritual entre o príncipe e o aviador. Tudo questão de materializar o texto em espetáculo. Foi pena, uma grande pena, e o digo com desejo de ajudar.

No domingo, 18 de dezembro, foram anunciadas novas peças para a criançada. O Grupo Infantil de Comédias, em sua última sessão do ano, promoveu dois espetáculos juntos no Clube Mário Sete, no bairro de Campo Grande, às

16 horas, sob direção de Valdemar Mendonça: *A Avozinha*, de Figueiredo Pimentel, e *A Princesa Maluca*, do próprio Mendonça. No mesmo horário, no Teatro de Santa Isabel, o conjunto de adolescentes do Teatro DECA representou *A Bruxinha Que Era Boa*, de Maria Clara Machado, seguida de *Os Irmãos das Almas*, de Martins Pena, para filhos de jornalistas. A sessão foi agendada numa promoção da Associação da Imprensa de Pernambuco em referência ao período natalino. E como acontecia todo final de ano, além da Campanha de Natal Para as Crianças Pobres, a pirralhada foi lembrada em seu prazer de desfrutar de diversões na Festa da Mocidade, organizada anualmente pela Casa do Estudante de Pernambuco. Naquele dezembro de 1960, em sua 24ª edição, no Jardim 13 de Maio, fizeram sucesso o Teatro de Marionetes no Parque de Diversões e o Circo Mágico Pinter, dos Irmãos Melo. Ainda quase no finalzinho do ano, a imprensa chegou a anunciar a inauguração do Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade, dentro das festividades comemorativas do aniversário da administração Miguel Arraes à frente da Prefeitura do Recife, mas a proposta foi adiada para 1961. O espaço também recebeu produções infantis do Movimento de Cultura Popular (MCP) através do seu núcleo de teatro, o Teatro de Cultura Popular (TCP).



Em 1961, além de ser inaugurado o Teatrinho da AIP, um teatro de bolso com 170 poltronas, a capital pernambucana foi sede, entre setembro e outubro, do I Festival de Teatro do Recife, promovido pela Prefeitura do Recife, através da sua Comissão Municipal de Teatro em colaboração do Departamento de Documentação e Cultura, com atrações para adultos, como o Teatro Nacional de Comédia (RJ), Teatro de Amadores de Caruaru, Teatro de Amadores de Pernambuco, Teatro Phoenix do Recife, Teatro Adolescente do Recife e Os Populares, entre outros, além da programação para crianças, que ocupou o Teatro Ambulante, no bairro de Casa Amarela, com a peça infantil *O Coelho Cowboy*, do Grupo Teatral "O Saci", com texto e direção de Oscar Felipe. No elenco, Oscar Felipe (Coelho), Linda Maria (Bruxa), Floriza Rossi (Boneca), Ribas Neto (Sentinela), Odilon del Grande (Cacique), Múcio Catão (Chefe Torto) e Nair Silva (Lua Nova). Foi até anunciada a presença da peça *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, sob direção de Walter de Oliveira, pelo Teatro do DECA, mas esta acabou sendo cancelada. Enquanto isso, a TV Rádio Clube apresentava todos os domingos, às 14 horas, o programa *Grande Teatro Infantil*, com patrocínio da Kibon.

Em outubro, enquanto que a Divisão de Serviço Social levou Teatro de Fantoques para o bair-

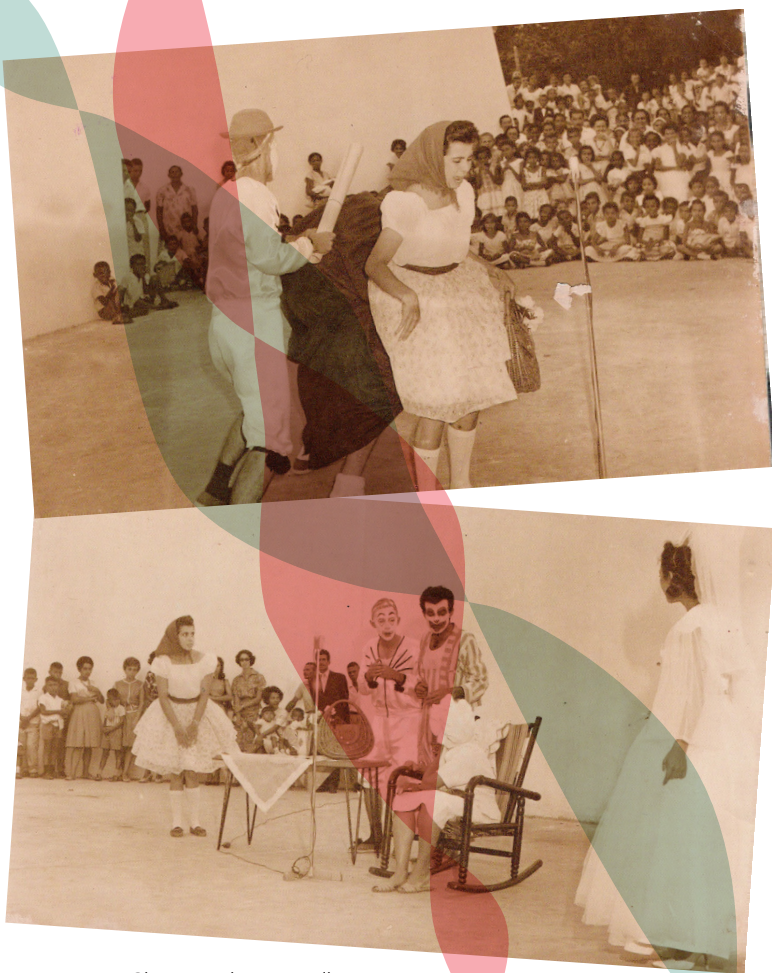


Com intensa atividade em 1962, o Teatro de Cultura Popular (TCP), departamento teatral ligado ao Movimento de Cultura Popular e à Prefeitura do Recife, entre montagens para adultos, também preparou peças para crianças, inclusive com o seu Teatro de Fantoches do MCP, que levou à Liga Camponesa da Mirueira, *O Médico*, adaptação de Luiz Mendonça a partir do original de Molière, e *Joãosinho* (sic) e *Maria*, de Maria Clara Machado. Bem mais constantes foram as peças infantis produzidas pelo TCP no 1º teatro ao ar livre do Recife, o Teatro do Arraial Velho, que funcionava no Sítio Trindade, na Concha Acústica especialmente construída naquele espaço para até cinco mil pessoas, ou no Teatro do Povo, um teatro ambulante que funcionava em uma lona de circo com capacidade para 500 pessoas. É do TCP a 1ª peça ano-

ro popular de Dois Unidos, o Teatro Juvenil apresentou a opereta *A Cantora*, de Felicitia Morandi-Graziane Walter, no Instituto Maria Auxiliadora das Irmãs Salesianas, no bairro da Capunga, em benefício das Missões Católicas. Ainda em 1961, o Teatro da Festa da Mocidade promoveu sessões infantis com os comicos Treme-Treme, Corruptita, Coronel Pica-Pau e o Mágico Mickey Baby e sua partner, Maria Helena, todos acompanhados pela orquestra do maestro Silva Araújo. Havia ainda distribuição de revistas infantis e convites para o parque de diversões que funcionava no Jardim 13 de Maio. Um dos espetáculos de destaque lá foi *A Prisão de Papai Noel*, comédia natalina de Luiz Maranhão Filho "especialmente voltada à gurizada do Recife". Na televisão, o Canal 6 continuou com o maior sucesso graças ao programa *Cirquinho Fratelli Vita*, da TV Rádio Clube, aos domingos, às 18h10, com os palhaços Relin, Treme Treme, Currupita e Pimentão e o apresentador Salomão Absalão. E a convite do setor folclórico do Movimento de Cultura Popular (MCP), o *Presépio* dos Irmãos Valença foi assistido por milhares de pessoas no Teatro do Arraial Velho, no Sítio Trindade.



Chapeuzinho Vermelho



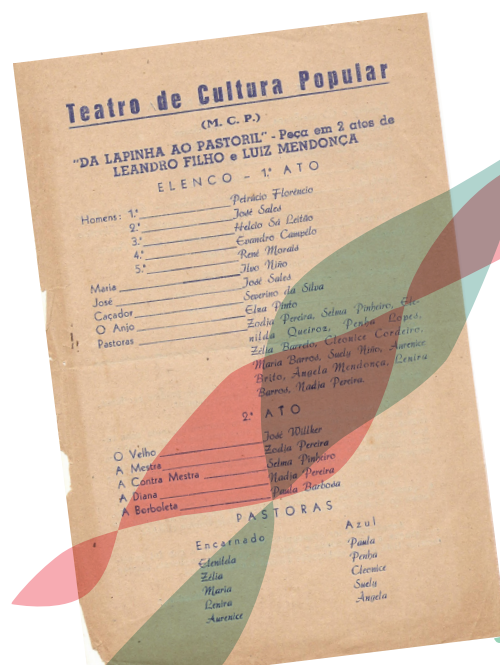
Chapeuzinho Vermelho

tada pela imprensa em 1962, *Chapeuzinho Vermelho*, de Paulo Magalhães, dirigida por Luiz Mendonça e apresentada como estreia infantil no Teatro do Arraial Velho, logo após o espetáculo adulto inaugural daquele palco, *Eles Não Usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, pelo elenco do Teatro de Amadores de Caruaru (TAC), também dirigido por Mendonça, que não obteve boa resposta do público. Segundo Alexandre Figueirôa no livro *O Teatro em Pernambuco* (2003, p. 98), a montagem infantil foi mais feliz, mesmo ainda apresentando problemas: “Dessa feita, o ritmo mais ágil e a correria levaram o público a rir, a participar e a aplaudir o espetáculo. No final, porém, percebia-se que a plateia reclamava da peça e o grupo não conseguia identificar as razões das queixas”.

Em debates com o público, descobriu-se que os espectadores estavam acostumados aos atos variados e curtos dos circos que se faziam ali presentes. Com resposta bem mais positiva, a “farsa-mistério de Natal”, *O Boi e o Burro a Caminho de Belém*, de Maria Clara Machado, tam-

bém dirigida por Luiz Mendonça, foi lançada no período dos festejos natalinos de 1962. “Além da história ligada ao nascimento de Cristo, tinha as pastorinhas cantando jornadas, elementos bem conhecidos das camadas populares”, diz Figueirôa (op. cit., p. 99). No elenco estavam o próprio Luiz Mendonça (no papel do Boi), Carlos Alberto (Burro), Lael Tavares (Pastor), Nadja Pereira, Zodja Pereira e Conceição de Maria (Pastoras), Cláudio Salvador (Rei Branco), Ivanildo Oliveira (Rei Negro), José Fortuna (Rei Amarelo), Terezinha Calazans (Rainha Branda, a atriz/cantora Teka Calazans, que depois conquistou carreira elogiada como musicista, hoje radicada na França), Penha Guimarães (Rainha Negra), Ilva Niño (Rainha Amarela), Irmãs Gomes (Anjos), Zélia Brizeno (Maria) e Joacir Castro (José). Leandro Filho era o assistente de direção, com cenário de Abelardo da Hora, figurinos de Ded Bourbonnais e participação do Coral do Recife sob direção de Elza Loureiro.

Duas outras montagens infantis do TCP existiram, ambas sob direção de Luiz Mendonça. A 1ª, *Da Lapinha ao Pastoril*, texto em dois atos de Luiz Mendonça e Leandro Filho, contou com cenário de Wilton de Souza; coreografia de Tânia Trindade e Zodja Pereira; direção musical de José Nunes e direção vocal de Elza Pinto. O desempenho no 1º ato ficou a cargo de Petrucio Florêncio, Hércio Sá Leitão, Evandro Campelo,



René Morais, Ilva Niño (Maria), José Sales (José), Severino Francisco da Silva (Caçador), Paula Barbosa (Anjo), além de Zodja Pereira, Selma Pinheiro, Elenilda Queiroz, Penha Lopes, Zélia Barreto, Cleonice Cordeiro, Maria Barros, Luiza Antunes, Aurenice Brito, Ângela Mendonça, Lenira Barros e Nadja Pereira (Pastoras). No 2º ato, participação de Aguinaldo Batista (O velho), Zodja Pereira (A Mestra), Selma Pinheiro (Contra Mestra), Nadja Pereira (Diana), Paula Barbosa (Borboleta), Elenilda Queiroz, Zélia Barreto, Maria de Barros, Lenira Barros e Aurenice Brito (Pastoras do Encarnado); e Paula Barbosa, Penha Lopes, Cleonice Cordeiro, Luiza Antunes e Ângela Mendonça (Pastoras do Azul). A peça seguinte foi *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, que marcou a estreia do ator José Wilker no teatro, ainda adolescente, no papel do Camaleão Alface. Ainda no elenco, Carlos Alberto (Simeão), Marco Porto Carrero (Gaspar), Conceição Pinheiro (Lúcia), Ivanildo Oliveira (O Cacique), Nadja Pereira (Flô), Mário Ferreira (Peri), Moema Cavalcanti (o garoto Maneco), Joacir Castro (Vovô) e Delmiro Lira (Pe. Joãozinho), os dois últimos ainda como assistentes de direção. A direção musical ficou

a cargo do maestro Geraldo Menucci, com coreografias de Zodja Pereira e cenário e figurinos de Ded Bourbonnais. No mesmo livro *O Teatro em Pernambuco* (op. cit, p. 100), o pesquisador Alexandre Figueirôa ainda acrescentou sobre o grupo: "Todo o processo de criação era coletivo, da escolha do texto à confecção dos materiais de cena".

Enquanto isso, no *Diário de Pernambuco* (21 de dezembro de 1962), Adeth Leite denunciou o descaso com o Teatro de Santa Isabel pelo Departamento de Documentação e Cultura do Recife: "O velho e tradicional teatro está caindo aos pedaços e ninguém cuida". Já em referência ao Teatro do Parque, revelou: "A imundície e o desconforto imperam ali". Graças ao mesmo Departamento de Documentação e Cultura, os Irmãos Valença voltaram a exhibir seu *Presépio* no Sítio Trindade em 1962, como "uma das mais famosas tradições folclóricas de Pernambuco". No Teatro da Festa da Mocidade, o destaque infantil foi *Na Base do Futucado*, "revistinha" de Aldemar Paiva, com sessões às 14 horas ou 16 horas na *Matinée da Gurizada*, com prêmios à



A Volta do Camaleão Alface



vontade e a Turminha do Cirquinho Fratelli Vita participando, incluindo os palhaços Treme-Treme, Pimentão, Currupita e Carlos Alberto. Com a chegada do novo ano, o cronista Joel Pontes escreveu sobre *O Boi e o Burro a Caminho de Belém* na coluna *Diário Artístico*, do *Diário de Pernambuco* (3 de janeiro de 1963):

A idéia de humanizar animais, velha em teatro e sempre de mau gôsto, só resulta bem nas peças infantis. Ou nas que tenham qualquer coisa de apêlo à poesia, ligadas que estejam a lendas e histórias tradicionais capazes, por si sós, de criarem uma predisposição de aceitação antes mesmo de abrir-se o pano. O nascimento de Jesus é uma dessas histórias, que os homens de tôdas as latitudes vêm mais ou menos com o mesmo encanto (...) Maria Clara Machado, em "O boi e o burro no (sic) caminho de Belém", preferiu o lado poético e, como recurso para não repetir o fato bíblico, escolheu vê-lo sob o ponto de vista dos bichos, o boi e o burro que tradicionalmente figuram na mangedoura (sic). Com isso, ganhou inteligentemente aquela predisposição de aceitação de que falei linhas acima (...) Na verdade, a estilização domina o texto, não só pela humanização dos animais como pelas presenças das pastoras, rainhas e anjos. Sinto o espetáculo, por isso mesmo, como um preparativo para o quadro final, representação ao vivo da adoração do Menino, término da estilização, quando a autora chega a pedir que todos se coloquem na "posição clássica do presépio". Enquanto preparativo, a música, a dança, os contrastes vivos de agitação e espera constituem os elementos do jôgo, a exigir do diretor forte capacidade imaginativa, ou, pelo menos, alegria, como

foi o caso. Sendo impossível falar-se a respeito da iluminação cênica (espetáculos ao ar livre, feitos cada vez em bairro diferente) e desde já notada a nenhuma relevância do cenário, pela coloração sombria e falta de delicadeza da concepção – noto a boa compreensão da peça nos figurinos e no ritmo alegre. (...) O texto requeria uns toques espantosos que acentuassem a farsa. Justamente nessas distorções da realidade Ded Bourbonnais soube colocar sua marca de figurinista sensível, particularmente feliz nos magos e rainhas, menos pessoal da concepção das pastoras. E mais efeito teria conseguido das côres se a luz houvesse ajudado. O mais foi a alegria dos jovens atores, espontânea, surpindo com a graça natural o que poderia parecer deficiências técnicas. Como os dois atores de sustentação (Luiz Mendonça e Carlos Alberto) não puderam ou quiseram dar relêvo aos seus papéis, o mérito da interpretação foi partilhado por todos e sublinhado por música tradicional em arranjos comuns. Certo aca-





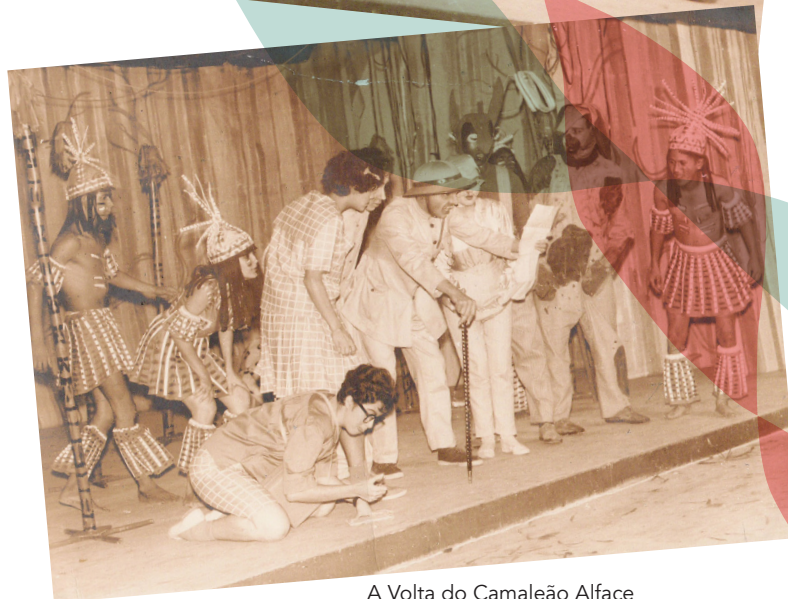
nhamento das partes, em benefício do equilíbrio do todo.

Mais à frente, em retrospectiva do semestre, ainda no *Diário de Pernambuco* (10 de julho de 1963), Joel Pontes retomou o assunto:

Os primeiros dias de 1963 viram o teatro na praça pública, através de um espetáculo sem grandes méritos nem grandes defeitos: *O Boi e o Burro no (sic) Caminho de Belém*, auto de Maria Clara Machado que o Teatro de Cultura Popular representou em diversos bairros.

No dia seguinte (11 de julho de 1963), ao se referir à temporada da mesma equipe em Brasília e Rio de Janeiro, com outro infantil, ele foi mais entusiasta: “As crianças de Brasília se encantaram com *A Volta do Camaleão Alface*”. Também nos primeiros meses de 1963, o teatrólogo Alfredo de Oliveira anunciou nova produção do seu Teatro de Brinquedo, com a peça *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado, algo que não foi concretizado. Somente em 20 de abril daquele ano, tendo como sede o Teatro de Arena, espaço já com “novo decor” após reforma, finalmente a equipe retornou à cena recifense, mas o texto escolhido foi *O Palhacinho Pimpão*, de Lúcia Benedetti, sob direção de Jacques Weyne e com elementos da televisão no elenco. Como ressaltou a imprensa, a exceção ficou por conta de Paulo Ribeiro – de formação teatral; o mesmo que lançou os Atores Profissionais Unidos com a montagem de *O Violino Encantado* –, mas os outros intérpretes não foram sequer

divulgados (em entrevista a esta pesquisa, em 30 de setembro de 2013, o ator Alfredo Borba, que atuou n’*O Palhacinho Pimpão*, recordou os outros companheiros de cena: Walter Mendes como o protagonista, Eurico Lopes, June Sarita, Jane Mendes e Vânia Weyne). Após cumprir temporada no Teatro de Arena, a peça seguiu para sessões em Maceió, onde Alfredo de Oliveira já dirigia outros grupos. Um dado curioso é que esta produção infantil, ainda em abril de 1963, iniciou uma campanha das mais elogiáveis quando fez apresentações gratuitas por orfanatos, colégios de caridade, asilos e patronatos do Recife. A estreia da circulação se deu no Hospital Infantil da Jaqueira e a ideia era “incutir na criança o gosto pelo teatro”, conforme matéria no *Diário de Pernambuco* (26 de abril de 1963).



A Volta do Camaleão Alface

Ainda em março de 1963, os argentinos Ilo Krugli e Pedro Touron trouxeram ao Recife um espetáculo de bonecos, para o Teatro do Parque. Em 1974, com *História de Lenços e Ventos*, Ilo Krugli marcou a trajetória do teatro para crianças no Brasil ao lançar o grupo Teatro Vento-forte, mudando os rumos da encenação neste segmento. Por outro lado, com a peça *A Volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado, o Teatro de Cultura Popular (TCP) circulou por vários espaços alternativos, indo “ao encontro do povo” como, por exemplo, no Centro Educativo Operário do Monteiro, graças a um convênio firmado entre o grupo e o Serviço Social Contra o Mocambo. No dia 28 de abril de 1963, às 15 horas, comemorando o seu 22º aniversário de fundação, o Grupo Infantil de Comédias voltou ao Teatro de Santa Isabel para apresentar *Os Filhos do Sol*, comédia de Heronildes Silva, com música de Lourival Santa Clara. A direção continuou a ser de Valdemar Mendonça.

Em 5 de junho de 1963, o Conjunto Teatral Marista retomou suas atividades estreando *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, sob direção do universitário João Batista de Queiroz. **No elenco de estudantes colegiais, Alexandre Monteiro, Luiz Rodrigues, Fernando Lima, Ricardo Paraíba, José Fragoso, Selma Pinheiro, Maria Lúcia Ribeiro, Magda Cristina Lima e Stelio Lombardi. Os cenários e figurinos foram criações de Lúcia Uchoa de Oliveira.** As primeiras sessões aconteceram no Teatro do Parque, mas, depois, o grupo cumpriu temporada de sucesso no Teatro de Arena. Tanto que Alfredo de Oliveira decidiu dirigir o mesmo texto em Maceió, com o grupo Os Dionysos, cuja estreia aconteceu em agosto daquele ano. A versão recifense ganhou comentário crítico de Joel Pontes no *Diário de Pernambuco* (18 de julho de 1963):

O Teatro de Arena esteve superlotado sábado à tarde, quando o Conjunto Teatral Marista apresentou “O casaco



encantado”, de Lúcia Benedetti. Cadeiras suplementares, crianças acomodadas sobre as pernas dos pais e grande entusiasmo. Está patente, mais uma vez, a necessidade de um teatro para crianças, permanente, no Recife. O público existe, e precisa do divertimento sadio e de nível artístico. O que não adianta e até afasta a criança do teatro é encenarmos coisas pedagógicas, conselhos diretos. Lúcia Benedetti, Maria Clara Machado e autores locais podem suprir os elencos especializados, enquanto a literatura dramática brasileira não se resolve a ampliar seus esforços e atingir o público de menor idade, como está tentando chegar ao povo. Como espetáculo, tivemos um esforço. O diretor ainda não é um diretor mas pode vir a sê-lo. O mesmo se diga dos atores, embora estivessem no elenco Magda Cristina e Maria Lúcia Ribeiro. Em vez de levantarem os companheiros (pois são atrizes de certa experiência) acomodaram-se ao primarismo geral. Espetáculo de estudantes, alegre, cheio de boa vontade, com um texto

bem escolhido. As crianças tiveram uma tarde que lhes ficará na memória, como uma brincadeira diferente, cheia de sugestões de outras brincadeiras, e preparatória para, no futuro, aceitarem o teatro em tôda a sua extensão.

Pela proximidade do dia das crianças, no domingo 8 de setembro de 1963, às 16 horas, no Teatro de Arena, o Teatro de Brinquedo estreou *Pluft – O Fantasmilha*, de Maria Clara Machado, um de seus grandes sucessos. Com direção de Alfredo de Oliveira, o elenco era formado por Romildo Halliday, Clandira Halliday, Alfredo Sérgio Borba, Sulamita Lira, Gilberto Marco, Eurico Lopes, Violeta Araújo, Valter de Oliveira Sobrinho, Vanda Buarque e Marcus Siqueira (talvez tenha sido seu único trabalho como ator profissional em peça para crianças). Os cenários e figurinos foram adaptados de Napoleão Muniz Freire e Kalina Murinho. A peça permaneceu em cartaz até 6 de outubro, sempre com casa cheia. Diante de toda aquela movimentação no segmento teatral para a infância, o cronista teatral Adeth Leite sugeriu em sua coluna a realização de um festival de teatro infantil, ideia que acabou sendo aceita pela Prefeitura do Recife pouco depois. Escreveu ele no *Diário de Pernambuco* (4 de outubro de 1963):

Em nota inserta nesta coluna, a 25 de setembro último, lembramos que a Comissão Estadual de Teatro de São Paulo, organizada por Dinah Lisboa, estava preparando para a primeira quinzena deste mês, na capital bandeirante, o I Festival Paulista de Teatro Infantil. Para isto, havia ele recentemente visitado vários países da Europa, a fim de observar o que se faz em matéria de teatro infantil, para pô-los em prática no Festival. Já agora vemos que o Rio vai acompanhar a iniciativa bandeirante, a partir de 12 do corren-

te, não com o primeiro, mas com o III Festival Infantil de Teatro, dele estando encarregado o sr. Eduardo Farah. (...) No Recife, a coisa tem passado em branca nuvem, não obstante a encenação de vários originais infantis, como "O rei mentiroso", "Joãozinho anda prá trás", "O rapto das cebolinhas", "Pluft - O Fantasmilha", "O casaco encantado", "O violino encantado", "A volta do Camaleão Alface", "A revolta dos brinquedos" e tantos outros. No país inteiro, há bons autores no gênero, destacando-se Lucia Benedetti, Maria Clara Machado, Pernambuco de Oliveira, José Veiga, Eustorgio Wanderley, Graça Melo. E no Recife um nome pode ser apontado, com mérito comprovado; Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti. Voltamos a insistir na tecla: o Recife não pode ficar alheio ao que se processa nos grandes centros do país em matéria de teatro infantil. Há um público certo para esses espetáculos e, hoje em dia, o problema é apresentado inclusive nos Festivais Nacionais de Teatro. Paschoal Carlos Magno é um dos maiores incentivadores da inclusão do Teatro Infantil nos festivais nacionais de teatro. Vale destacar que foi a Província que quebrou o tabu; o Teatro de Amadores de Maceió foi o pioneiro, apresentando "Pluft - O Fantasmilha", sob a direção de Willy Keller. No Recife não se tem dado a importância devida ao Teatro Infantil, quer interpretado por crianças ou não. (...) Via de regra a menina recifense não dispõe de espetáculos próprios uma vez que até mesmo os cinemas na maioria dos casos, preferem exibir as películas impróprias para menores de 18 anos (o que é o mais lucrativo). A sugestão continua de pé.

Numa promoção da Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco, Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Movimento de Cultura Popular, de 15 a 25 de dezembro de 1963, começando na sede do Teatro do Banorte e continuando no Teatro de Santa Isabel e na Faculdade de Filosofia de São José, aconteceu o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, com a participação de seis conjuntos locais convidados (seriam oito atrações inicialmente). Curiosamente, a grande maioria das montagens foi apresentada no horário noturno, como a da abertura, às 20 horas, com o elenco do Teatro do Banorte na peça de Lúcia Benedetti, *Sinos de Natal*, sob direção de Luiz Mendonça, coreografia de Tânia Trindade e cenários e figurinos de Josias Lopes. Participaram ainda o Teatro do DECA com o espetáculo *Presépio da Casa Forte*, de acordo com as notas recolhidas por Maria de Lourdes Góes Xavier de Andrade, única peça que ganhou 2ª sessão; o Conjunto Teatral Marista, com *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti, sob direção de João Batista de Queiroz; o grupo “Os Corujinhas”, equipe dirigida por Geninha Sá da Rosa Borges na peça *O Menino Atrasado*, de Cecília Meirelles (originalmente escrita para bonecos), com música de Capiba e trazendo no elenco 35 crianças dos cinco aos

onze anos; o Grupo Infantil de Comédias, com *O Goleiro do Fortaleza*, autoria e direção de Valdemar Mendonça; e o Teatro de Cultura Popular, com a peça de Luiz Mendonça (também na direção) e Leandro Filho, *Da Lapinha ao Pastoril*.

O Teatro Phoenix do Recife tentou montar dois trabalhos sem sucesso (*O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, com direção de Hermes da Hora, sem liberação autorizada pela SBAT; e *O Milagre do Sol*, de Ferreira Neto, sob a direção de Gerson Vieira, peça não realizada “por motivos de ordem técnica”, segundo o *Diário de Pernambuco* de 21 de dezembro de 1963), e acabou tendo que cancelar sua participação em cima da hora, assim como o Teatro de Equipe do Recife, com *O Violino Encantado*, de Vanildo Campos Bezerra Cavalcanti, dirigido pelo autor. No *Diário de Pernambuco* (20 de novembro de 1963), ventilou-se ainda a participação do Teatro da Escola de Belas Artes com *Presépio de 1888*, dos Irmãos Valença, original que tinha três nomes: *Delegação dos Inocentes*, *O Anjo do Bem e do Mal* ou *Gabriel e Lasbel*; Teatro do DECA com a adaptação de Maria José Campos Lima do conto *A Bela Adormecida no Bosque*; Teatro de Arena do Recife com *Pluft – O Fantasminha*, de Maria Clara Machado, sob direção de Alfredo de Oliveira; e o Teatro da Criança de Pernambuco, com *Chapeuzinho Vermelho*, também de Maria Clara Machado, dirigida por Maria José Campos Lima, algo que não se concretizou. Mas a programação contou ainda com uma exposição de materiais da época natalina, organizada pelo Irmão Gilberto Martins e funcionando no *hall* do Teatro de Santa Isabel durante todo o evento, com uma variada mostra de presépios de efeitos decorativos.

Choveram críticas ao evento. Adeth Leite, como o 1º a sugerir a realização do mesmo, foi o mais enfático no *Diário de Pernambuco* (26 de outubro de 1963):



Num ligeiro bate-papo havido entre este colunista e o “metteur-em-scène” Luiz Mendonça, ficamos inteirados de que o anunciado Festival do Recife nem poderá ser assim classificado, porque circunscrito apenas a participação de cinco conjuntos: três, pertencentes à Secretaria de Educação e Cultura e ao Movimento de Cultura Popular (Teatro Infantil do MCP, Teatro da Criança de Pernambuco e Teatro do DECA), e mais o Teatro Infantil do Banorte (que gira sob a orbita de Luiz Mendonça) e o Teatro Infantil da Escola de Belas Artes. O que importa dizer: trata-se de um festival “domestico”, sem a participação dos demais conjuntos da cidade, do Estado ou da região. Depois, o anunciado certame servirá apenas para a exibição de “Autos de Natal”, presépios ou peças em torno das comemorações natalinas, o que não é, em absoluto, o certame sugerido por este colunista. (...) A nossa sugestão foi no sentido de que se realizasse no Recife um certame identico ao I Festival Paulista de Teatro Infantil, organizado por Dinah Lisbôa, ou ao III Festival Infantil de Teatro da Guanabara idealizado por Eduardo Farah um Festival, em que tomassem parte os conjuntos infantis do Recife, do Estado e de toda a região nordestina pelo menos.

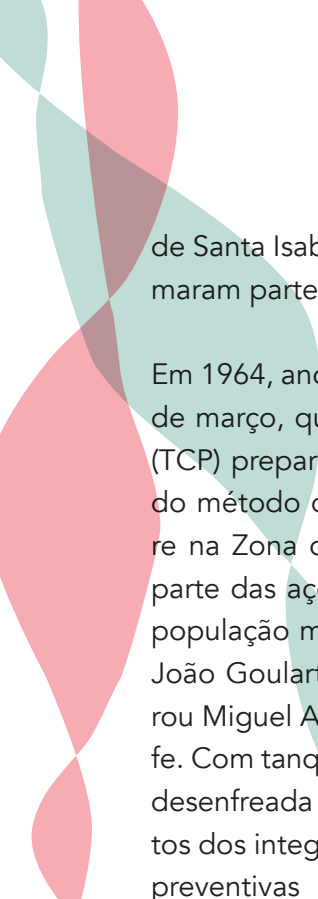
Ao final do evento, Adeth Leite fez uma avaliação do mesmo no *Diario de Pernambuco* (22 de dezembro de 1963).

Quer nos parecer que o I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, (...) foi mal planejado, faltando-lhe principalmente uma divulgação adequada e, em muitos casos desconstruídas as informações. (...) A verdade é que va-



rios conjuntos desistiram de participar do Festival, por falta absoluta de tempo para a preparação das montagens (...) Continuamos a martelar na tecla de que o Festival “foi fechado”. Logo na estruturação do regulamento, ficou positivada tal assertiva, quando, no seu artigo 2.º, diz textualmente: O Festival constará de espetáculos a serem apresentados por grupos amadoristas e profissionais de Pernambuco, “especialmente convidados para tal fim”. O grifo é nosso. Acreditamos piamente que não era essa, realmente, o (sic) intenção dos promotores do Festival. (...) ficando a coisa “muito domestica ou fechada”, fechadinha da silva.

Mas antes mesmo da realização do I Festival de Teatro Infantil de Pernambuco, em novembro de 1963, no horário das 17h30, no Teatro de Santa Isabel, o Conjunto do Teatro Infantil do Curso Primário do Colégio Americano Batista, sob a direção de Odete Ferreira, apresentou duas operetas infantis, em um ato cada, *Se Eu Fosse Rainha* (If I Were Queen), original de Karin Sundelef, e *Sonho Roseo* (A Rose Dream), de Gertrudes Knox Willis, em tradução da própria Odete Ferreira, com músicas de Denice Martins e Helena Barros. Toda a renda foi revertida em benefício das obras de conservação do Teatro



de Santa Isabel. Cerca de cinquenta crianças tomaram parte na representação.

Em 1964, ano turbulento para o Brasil, no dia 31 de março, quando o Teatro de Cultura Popular (TCP) preparava-se para a festa de lançamento do método de ensino do educador Paulo Freire na Zona da Mata Sul pernambucana, como parte das ações do MCP pela alfabetização da população mais carente, o Golpe Militar depôs João Goulart da presidência da República e tirou Miguel Arraes do cargo de Prefeito do Recife. Com tanques nas ruas e uma caça ainda mais desenfreada aos considerados comunistas, muitos dos integrantes do TCP tiveram suas prisões preventivas decretadas. O grupo foi, então, dissolvido, seus arquivos queimados e vários dos artistas tiveram que sair às escondidas de Pernambuco, fugindo. Ainda assim, em 1964, listando os *Melhores do Teatro Pernambucano no Ano de 1963*, a Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP) premiou a peça *Da Lapinha ao Pastoril*, do Teatro de Cultura Popular, único infantil vencedor nesta premiação, pelo cenário para Wilton de Souza, além das indicações de Melhor Espetáculo Local e Melhor Direção. O caso indignou o cronista Adeth Leite, que acusou os “meninos” do MCP de armarem a escolha, já que muitos integrantes atuavam como cronistas teatrais e tinham direito a voto na premiação.

O mesmo Adeth Leite, na sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, revelou no *Diário de Pernambuco* (5 de dezembro de 1964): “A rigor, foi pobre, teatralmente, no Recife, o ano de 1964. Tivemos de recorrer à *prata da casa*, porque de fora nada aqui aportou digno de menção”, como se necessariamente para se ter um ano bom teatralmente, o parâmetro fosse a visita de companhias de fora. Este comentário revela o valor que se dava à produção local naquele momento. Para adultos, ainda assim surgiram opções de destaque como *Macbeth*, de Shakespeare, com direção

de Milton Baccarelli, pelo Teatro de Amadores de Pernambuco, que continuou apresentando com sucesso, *Um Sábado em 30*, de Luiz Marinho, peça levada, inclusive, a São Paulo e Minas Gerais naquele ano; dois trabalhos do Teatro Universitário de Pernambuco, *O Patinho Torto* (ou “*Os Mistérios do Sexo*”), de Coelho Neto, com direção de Isaac Gondim Filho, e *O Seguro*, original em um ato de Ariano Suassuna, dirigido por Clênio Wanderley; mais duas produções do Teatro de Arena, *A Viola do Diabo*, de Ladjane Bandeira, e *Roleta Paulista*, de Pedro Bloch, ambas com direção de Alfredo de Oliveira; *A Hora Marcada*, de Isaac Gondim Filho, *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues, e *Casar... Ou Experimentar?*, de Lawrence Rootman, com direção de Paulo Ribeiro, três estreias dos Atores Profissionais Unidos; *Toda Donzela Tem Um Pai Que é Uma Fera*, de Gláucio Gil, com direção de Lenita Lopes, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior; *O Amor na Terra do Cangaço*, de Maria Wanderley Menezes, com direção de Otto Prado, pelo Teatro do Funcionário Público de Pernambuco; *As Bodas de Aurora*, de Joracy Camargo, com direção de Elpídio Câmara, pelo Teatro Pernambucano; *Bus Stop*, de William Inge, pelo elenco de The Recife Players, com direção de Eleanor Schlenann; *Pai Jubá*, dos irmãos João e Raul Valença, pelo Teatro da União Pernambucana dos Estudantes Primários e Particulares; e a burleta *Luar do Norte*, de Humberto Santiago e João Valença, pelo Conjunto Cênico da Associação Rui Barbosa, os dois últimos trabalhos dirigidos por Arlindo Silva.

Em meio a toda esta produção de teatro para adultos, a única peça para crianças em destaque na imprensa foi *A Bela Adormecida*, pelo Teatro da Criança, como temporariamente foi chamado o Teatro do DECA, com adaptação de Maria José Campos Lima Selva a partir do conto de Charles Perrault, apresentada no Teatro de Santa Isabel. Importante lembrar que o Teatro do DECA ainda em 1964 montou a peça adul-

ta *Casa Grande & Senzala*, da obra de Gilberto Freyre com adaptação de José Carlos Cavalcanti Borges e direção da mesma Maria José Campos Lima Selva. No ano seguinte, 1965, seis casas de espetáculos funcionaram no Recife, os teatros Marrocos (com a Companhia de Revistas Trá-lá-lá e a Companhia Françoise Brunett, entre outras), Santa Isabel, Parque, AIP (este com espetáculos infantis aos sábados e domingos, sem identificação das montagens que lá passaram), Arena e o Teatrinho da Festa da Mocidade. Mas Adeth Leite salientou no *Diário de Pernambuco* (8 de dezembro de 1964): "O Teatro de Arena levou todo o primeiro semestre de *fôgo morto*".

O ano de 1965 também foi sofrido para o teatro pernambucano. O sucesso de público estava nas peças do teatro rebolado. Tanto que o Teatro Marrocos era divulgado como "o teatro preferido da cidade", com montagens como *Essa Não Papai Noel*, com direito a *strip-tease*, e *Leva na Cabeça*. No entanto, o cronista Adeth Leite chegou a definir no *Diário de Pernambuco* (1 de janeiro de 1965) como "inclassificável artisticamente o teatro rebolado que se faz no Recife". Mas o momento não era nada agradável às outras casas de espetáculos do centro do Recife: o Teatro do Parque e o Teatro de Santa Isabel precisavam de melhoramentos e permaneceram bom tempo fechados. Já o Teatro da AIP atraía pouquíssimo público. No entanto, um novo teatro surgiu, o do Sindicato dos Bancários, na avenida Conde da

Boa Vista. Uma das poucas produções da época voltada a todas as idades foi a opereta infantil *Presépio do Século XIX*, dos Irmãos Valença, na sede do Esporte Clube do Recife, de 23 a 30 de dezembro, com músicas de compositores e poetas pernambucanos. O *Diário de Pernambuco* lembrou (15 de dezembro de 1965): "O espetáculo vem sendo encenado há mais de um século, nos velhos teatros do Recife, como Rocamble, Nova-Hamburgo, Santo Antonio, Nova Talia, hoje extintos, e no Santa Isabel, na última década do século passado".

Na escolha dos Melhores do Ano de 1964, realizada em 1965 pela Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco (ACTP), a peça *A Bela Adormecida* recebeu indicação aos prêmios de Melhor Diretor, Melhor Autor (pela adaptação), Melhor Cenógrafo (todos para Maria José Campos Lima Selva), Melhor Espetáculo de Conjunto Local e Melhor Intérprete Masculino, com indicações para Roberto Correia e Alfredo Sérgio Borba (este último, no papel do Príncipe Cranao). Mas a proposta ficou apenas nas indicações. No entanto, foi inédita esta valorização a uma montagem direcionada ao público infantil na premiação da ACTP. Vale registrar que, na imprensa, alguns cronistas denunciavam que a entidade vivia "na penúria". Quando chegou o ano de 1966, o período ainda continuou péssimo em termos de novas produções teatrais. Adeth Leite, em sua coluna *Teatro, Quase Sempre*, no *Diário de*



Presépio dos Irmãos Valença

Pernambuco (12 de janeiro de 1967), chamou o ano de “pobre artisticamente”. Só animador por quatro visitas de companhias itinerantes. O Teatro Marrocos foi a única casa de espetáculos que se manteve funcionando durante todo o ano (excção dos últimos dias de dezembro), com destaque à Companhia Moderna de Espetáculos e seus diversos rebolados.

Em setembro de 1966, cinco casas de espetáculos estavam em funcionamento no Recife: o Teatro Popular do Nordeste (TPN), inaugurado naquele ano na avenida Conde da Boa Vista; o Teatro da AIP, o Teatro Marrocos, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro de Arena, ainda que durante um bom tempo estes dois últimos teatros anunciassem na imprensa, “aguardando nova programação”. O Santa Isabel, por sinal, além de viver cercado de obras em grande parte do ano, como criticavam alguns cronistas, estava mais aberto aos concertos musicais programados pela Sociedade de Cultura Musical de Pernambuco e às poucas peças que vinham de outros estados. Já o Marrocos apresentava apenas chanchadas, como *Festival do Strip-Tease*, *Enxutas Naquela Base*, *Às Donzelas do 24* e *O Gigolô da Viúva*, espetáculos rigorosamente para maiores de 18 anos, pela visitante Companhia Moderna de Espetáculos. A época não era das melhores para o teatro, como atestou Ivan Soares no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966), intitulado o movimento da época de “acanhado meio teatral – acanhado porque, nos últimos tempos, entrou em lamentável recesso de atividades”.

O grande destaque era mesmo a programação do TPN, com duas montagens em atividade, a peça adulta *O Inspetor*, de Gogol, às 21 horas, para maiores de 14 anos, espetáculo inaugural daquela casa de espetáculos e retorno do grupo à cena, e *A Revolta dos Brinquedos*, farsa infantil de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga dirigida pelo mineiro Rubens Teixeira,



A Revolta dos Brinquedos



ex-ator da Companhia Cacilda Becker, com Moema Cavalcanti como atriz principal, como ressaltavam os anúncios na imprensa, no papel da “Menina Má” e assinando figurinos e adereços. Ainda no elenco, Wellington Luiz (Wellington Lima), José Antônio Accioly, Sérgio Sardou, Mércia Barreto, Evandro Campelo e Dircinéa Dantas. A maquiagem era de Ana Campos Lima. A peça, de censura livre, era apresentada em dias e horários inusitados: às quintas e sábados, às 16 horas, e domingos, às 10 horas. Era o único espetáculo direcionado às crianças naquele período, com pouquíssimas opções de lazer no Recife. Uma das raras diversões infantis era o programa de auditório *No Mundo da Criança*, da TV Canal 2, apresentado por Linda Maria, com sucesso, aos sábados, às 15h45. Mas o momento não era nada convidativo para pais e filhos saírem às ruas diante de tantos conflitos entre estudantes e a polícia, como aconteceu na “Marcha do Silêncio” em que até seminaristas foram presos sob alegação de perturbação da ordem. Greves também pipocavam por todos os lados.

Ainda assim, grandes espetáculos adultos estrearam no 2º semestre de 1966, ano que viu o sucesso da peça *O Inspetor*, elogiada pela imprensa por manter-se em cartaz por três meses consecutivos no TPN, chegando a oitenta apresentações – um feito para o teatro profissional daquele momento. Em sequência, o grupo liderado por Hermilo Borba Filho lançou *O Cabo Fanfarrão*, texto do próprio, e *Um Inimigo do Povo*, de Henrik Ibsen, ambos dirigidos por Hermilo Borba Filho. Outras estreias do ano foram *As Feiticeiras de Salém*, de Arthur Miller, sob direção de Milton Baccarelli, pelo Teatro Universitário de Pernambuco; ou ainda as produções de *Antígona* e *Louvação*, pelo Grupo Construção; *Uma Trezena*, realização do Teatro do Funcionário Público; *O Casamento Suspeitoso*, de Ariano Suassuna, com atores do Grupo Teatral do Colégio Estadual de Pernambuco; e *...Mas Livrai-nos do Mal*, pelo Teatro Banorte, um “show-experiência” de Jairo Lima, sob direção de Lúcio Lombardi. No gênero infantil, a única peça do período, *A Revolta dos Brinquedos*, pelo TPN, além de suprimir as sessões matinais dos domingos no verão, saiu de cartaz antes mesmo da chegada do mês das crianças, outubro. Valdemar de Oliveira, inclusive, ressal-



Valdemar de Oliveira

tou em sua coluna *A Propósito...*, no *Jornal do Commercio* (7 de outubro de 1966):

O Teatro Popular do Nordeste retirou do cartaz, não apenas “O Inspetor”, de Gogol, como “A Revolta dos Brinquedos”, peça infantil de Pernambuco de Oliveira. Constou-me que não vai insistir no teatro infantil – no que tem e não tem razão. Tem, porque a afluência de público foi menor do que a esperada; não tem, porque, mesmo assim, não se deve abandonar a meninada, convindo, apenas, ao que me parece, escolher um melhor horário, não coincidente com o da televisão. No fim de contas, não se compreendem queixas surgidas, de vez em quando, contra a falta de teatro para crianças, no Recife (isso numa época em que são numerosos, no Rio, os espetáculos com esse endereço). Há que fazer finca-pé na ideia, adotando o lema conhecido: “Insista, não desista”. E que a propaganda se dirija mais aos pais, que lêem jornais, do que às crianças, que confiam que eles os leiam. A culpa de crianças não irem ao teatro não é delas.

Curioso este comentário de Valdemar de Oliveira, logo ele que abriu espaço às apresentações teatrais para crianças no Teatro de Santa Isabel em 1939, com tanto sucesso, e abandonou a ideia pouco depois, em 1942. No entanto, o TPN não largou o público infantil e anunciou, para estreia em 5 de janeiro de 1967, na sua sede, uma 2ª produção neste gênero, *O Cavalinho Azul*, elogiado texto de Maria Clara Machado por sua carga poética, sob direção do mesmo diretor de *A Revolta dos Brinquedos*, Rubens Teixeira. O estranho é constatar que, em pleno mês de outubro de 1966, nenhuma peça para crianças estava em cartaz no Recife. No entanto, foram

Vá e leve seus filhos para momentos de alegria e encantamento no dia da criança!

DIA 12 (QUARTA-FEIRA) FESTA DA CRIANÇA Clube Português

TARDE INFANTIL, promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do «Oratório da Divina Providência», com início marcado para as 15 horas.

DESFILE DE MODA INFANTIL, com o concurso do Departamento de Moda Infantil das Lojas Mesbla — Direção de Laura Vieira.

«UM DOMINGO DE VERÃO»

45 crianças em 7 quadros atraentes de temas exclusivos recém-chegados do Sul.

- Missa
- Prala
- Pescaria
- Clube de Campo
- Cinema
- Hora de dormir

O Salão do Clube Português será transformado num lindo e movimentado **PARQUE INFANTIL**, para crianças de 4 a 12 anos.

SORTEIO DE BRINDES — REFRIGERANTES — BOLINHOS FINOS —

Música pelos conjuntos musicais:
Conjunto do COLEGIO SÃO JOSÉ
Conjunto MESBLA
Conjunto do Maestro MASTROLANI
Ingressos restantes na portaria do Clube Português, no dia da festa.

agendadas festividades variadas em clubes de mães, escolas, juizado de menores, centros educativos operários, parques e orfanatos, além de uma grande *Festa da Criança* no salão do Clube Português, para o dia 12 de outubro, com tarde infantil promovida por um grupo de senhoras e senhorinhas pernambucanas, em benefício das crianças do Oratório da Divina Providência. Nenhuma apresentação teatral constava na programação. O que se oferecia era um desfile de moda infantil, com direção de Laura Vieira; parque infantil para crianças de 4 a 12 anos; sorteio de brindes, refrigerantes e bolinhos finos; e shows musicais pelos conjuntos Mesbla, do Colégio São José e do Maestro Mastroiani.

A única referência teatral naquela semana especial foi dada pelo Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, que promoveu apresentações do Teatro DECA nas escolas e hospitais do Recife e cidades vizinhas. Sem qualquer citação a nomes de espetáculos, consta que levou seu Teatro de Fantoques para o Centro Cívico da Torre (Fundação Guararapes), Clínica Correia Picanço, Grupo Escolar Ministro João Alberto, Biblioteca de Casa Amarela e Escola Artesanal de Caxangá, entre outros lugares. Ainda naquele 12 de outubro, com grande alarde na imprensa, o Canal 2 anunciou a estreia do seriado *Batman e Robin*, veiculado todas às quartas-feiras, às 18h55. Ou seja, mais uma forma das crianças se apegarem

à televisão. Era tanto o fascínio que a TV exercia sobre o público, incluindo o adulto, que o jornalista Ivan Soares chegou a dar o seguinte depoimento, em referência às estreias adultas daquele final de ano, no Caderno IV dominical do *Jornal do Commercio* (16 de outubro de 1966):

Essa movimentação teatral é necessária e esperamos que não cesse. Só assim, mantendo-se a efervescência, o público voltará seus olhos para o teatro, saindo do comodismo, do anestesiamiento provocado, em muitos, pela execrável novela televisada.

Para o dia 22 de outubro, finalmente uma nova montagem infantil foi produzida, *O Pequeno Príncipe*, baseada no livro de Antoine de Saint-Exupéry, com adaptação e direção de Gilvan Pomposo, numa realização do Colégio das Damas, pelo Grupo Teatral Damas Cristãs. O “guarda-roupa” era assinado por Jurandy e cenários de Ari Nóbrega. No elenco formado apenas por mulheres, Lêda Gonçalves (*Príncipe*), Sônia Kutz (*Aviador e Bêbado*), Carmencita Cabral (*Flôr*), Suzana Maria Oliveira (*Rei e Serpente*), Solange Oiticica (*Vaidoso e Rapôsa*), Auxiliadora Beltrão (*Geógrafo*), Magdala Borba (*Homem de Negócios*) e Nanete Frej (*Acendedor de Lampiões*). A peça foi apresentada no auditório da própria instituição de ensino. O mês dedicado às crianças inspirou ainda o crítico do *Jornal do Commercio*, Medeiros Cavalcanti, natural de Maceió, Alagoas, mas já radicado há anos no Recife, a recordar o sucesso que fez a peça *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado, pelo elenco do Teatro de Amadores de Maceió, que integrou o II Festival Nortista de Teatro Amador, de 8 a 17 de outubro de 1956, no Recife, inscrevendo na história, segundo ele, a 1ª participação de uma peça infantil em um festival de teatro. Mas o crítico lamentou ainda a pouca continuidade de produções deste gênero no Recife. Escreveu ele no artigo intitulado *A Semente Que Morreu* (22 de outubro de 1966):



Pluft, o Fantasmilha

Revedo agora fatos teatrais de há dez anos atrás, lembro-me de como não vingou a boa semente do teatro infantil deixada entre nós, no curso do II Festival Nortista de Teatro Amador, pelo Teatro de Amadores de Maceió. “Pluft, o Fantasmilha” foi o deslumbramento do Festival aquilo que ninguém esperava... (...) Uma coisa é certa: não trazendo um espetáculo infantil – que desbordou da pauta do Festival para dois espetáculos no Marrocos e mais um no Santa Isabel – não teria o TAM exercido aquela profunda influência que todos nós tivemos o prazer de comentar, gerando inquéritos escolares proveitosos, provocando afluxos ao teatro jamais vistos como quando da vez em que cerca de 600 crianças voltaram por falta de localidades e 500, ficaram chorando nas escolas, conforme o depoimento da

profa. Maria de Lourdes Vasconcelos, então Inspetora do 8º. Distrito. Saliente-se que Willy Keller fizera um bom trabalho de direção, contribuindo para o maior encanto da peça entre a petizada. Dêle disse o confrade Luiz Mendonça: “Willy Keller foi o dono das direções no II Festival; as marcas originais e mesmo a pantomima que foi dada pelo diretor em grupos amadorísticos”. Tôda aquela magnífica movimentação inicial ficou perdida, como perdido ficou o apêlo de Agnelo Macedo, crítico teatral do “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro (...) Contagiado pelo “verdadeiro delírio” que reinava no Santa Isabel, Agnelo Macedo pediu às crianças que exigissem “através de seus pais e professôres, que os Oliveiras e todos os amadores teatrais de Pernambuco lhes dessem sempre espetáculos como aquêla a que iriam assistir”. A idéia do Festival de Teatro Infantil, lançada por Vanildo Bezerra Cavalcanti, ficou no ar. Morreu o Teatro de Brinquedo, de Alfredo de Oliveira. Ainda agora, ouço que o teatro infantil do TPN está suspenso. Tôdas as tentativas falham, esbarram em obstáculos, caem no desânimo. E no entanto, nestes últimos dez anos, quantas platéias poderíamos ter formado?.

Em outras notas, Medeiros Cavalcanti fez nova referência a Alagoas, ressaltando o sucesso do grupo Os Dionysos, liderado por Bráulio Leite Júnior, na peça *O Rei Mentiroso*, dirigida pelo pernambucano Alfredo de Oliveira, texto de Graça Mello que já havia sido montado pelo Teatro de Brinquedo, do próprio Alfredo de Oliveira, no Recife, em 1953. Salientou, inclusive, que cerca de 30 mil crianças veriam a peça até final de 1966, graças a convênio com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado, um exemplo que deveria ter sido seguido em

terras pernambucanas. Como recado maior, ao lembrar que não acabou o teatro infantil do Teatro Popular do Nordeste, a maior referência daquele ano neste segmento, afirmou ainda no *Jornal do Commercio* (26 de outubro de 1966): “Se existe alguma coisa que o TPN deva defender em sua obra em favor do teatro recifense é, justamente, o teatro infantil”.

Antes do término de 1966, surgiu mais uma produção para crianças no Recife, *O Caçador de Borboletas*, de Maria Clara Machado, pelo Núcleo de Teatro de Fantoques do Teatro DECA, com apresentações gratuitas, dias 21, 22 e 23 de novembro, de segunda a quarta-feira, respectivamente às 16 horas, 10 horas e 16 horas, no auditório do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, em promoção do Serviço de Teatro e Recreação daquele órgão. Curiosamente, antes do final do ano, os Amadores Gráficos do Ceará, conjunto de Fortaleza, agendaram sessão matinal, às 10 horas, num domingo, no Teatro de Santa Isabel, com a comédia *Dona Filó é Quem Manda*, sem maiores referências na imprensa se, de fato, tratava-se de uma peça também para crianças. Provavelmente não. Era um daqueles exemplos de espetáculo que, sem ser especificamente direcionado à meninada, poderia agradar a toda a família com garantia de “gargalhadas da 1ª à última cena”, como divulgado nos jornais.

Na imprensa, as expectativas teatrais recaíam mesmo sobre *O Cavalinho Azul*, do TPN, que finalmente anunciou seu elenco: **Carlos Reis, João Batista Dantas, Wellington Luiz (Wellington Lima), Moema Cavalcanti (também na criação de figurinos), Paulo Roberto (Paulo de Castro), Marcelo Gusmão, Marise da Fonte, Gilda Macedo, Carlos Alberto, Sérgio Sardou, Delaías Andrade, Maria Nazaré, Marcos Aurélio e Luiz Maurício Carvalheira**, nesta que foi a 2ª e última produção infantil do Teatro Popular do Nordeste. O diretor **Rubens Teixeira** ainda assinava a iluminação; **Jair Miranda** os adereços; **Reinaldo Fonseca** as máscaras; e **Reginaldo Carvalho** as músicas, contando com a participação luxuosa dos músicos **Josefina Aguiar, Guebinha e Toinho Alves**. Com estreia em 5 de janeiro de 1967, a peça ficou em cartaz às quintas, sábados e domingos, às 16 horas. Já o Teatro de Brinquedo voltou à cena no dia 26 de fevereiro de 1967, no Teatro de Santa Isabel, com nova versão de *O Rei Mentiroso*, tendo **Alfredo de Oliveira** na direção, produção e no papel do Rei. **Ainda no elenco, Fernanda Amaral, Olga Mota, Argemiro Oliveira, Pedro Higino, Walter Mendes, Astrogil-**



do Drumont, Otto Prado, Alna Ferreira e Eliezer Ataíde, os três últimos fundadores do Clube de Teatro Infantil, outro conjunto dedicado à profissionalização do setor.

É importante esclarecer que foi ainda em 1966 que surgiu o Teatro da Criança do Recife, equipe que também já nasceu com vistas à profissionalização, ainda que com três garotos inquietos à frente da produção: Carlos Carvalho, Paulo de Castro e Pedro Henrique, sob a inspiração do diretor Rubens Teixeira, o mesmo das montagens infantis do TPN. O início desta história, que percorreu muitas escolas levando espetáculos nas mais diversas estruturas, foi registrada em capítulo do livro organizado por este que vos escreve e mais Rodrigo Dourado e Wellington Júnior, *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (2005, p. 85-87), em depoimento de Carlos Carvalho:

As contribuições que podemos trazer, refletindo sobre o Teatro da Criança do Recife, são as seguintes: primeiro, antes de criarmos esse grupo, eu, Paulo de Castro e Pedro Henrique saímos do Teatro Experimental, fruto do Colégio Castro Alves. (...) com uma professora que era uma atriz renomada na cidade, Ruth Bandeira. (...) Segundo, por conta de uma iniciação teórica e prática no



Teatro da Criança do Recife

colégio, nós, garotos de calça-curta, eu tinha 11 anos, fundamos o Teatro Experimental de Pernambuco – TEP. (...) éramos estudantes e queríamos fazer teatro. Nós saímos desse pequeno universo do colégio em que não havia um aprofundamento, mas havia um fazer. Nossa sede era a casa de Paulo de Castro, ou seja, nós tínhamos um referencial para ensaios, reuniões. Isso não era teorizado na época, mas concretizava-se na prática. De alguma maneira, acreditávamos no talento do grupo e, por sorte nossa, tivemos diretores que também acreditaram, o que foi determinante. Rubens Teixeira, José Francisco Filho, e assim sucessivamente. (...) Outra coisa fundamental foi a experiência de Paulo de Castro, José Francisco Filho e Pedro Henrique com o TPN. (...) Começamos a fazer uma leitura do que estava sendo feito no Brasil, tudo isso com um pé no profissionalismo. Porque, por mais que fôssemos adolescentes ou inexperientes, primeiro existia um contrato de trabalho, não escrito, mas havia a venda do esforço do trabalho. Se eu vendia algo, ganhava por isso. Às 8h da manhã, tínhamos que estar na casa de Paulo de Castro, trocar de roupa, maquiar-se, empurrar o carro de José Francisco, colocar o cenário em cima e sair para fazer os espetáculos, dois de manhã e dois à tarde; às vezes,



Rubens Teixeira

um à noite. Chegávamos a fazer cinco apresentações por dia, de colégio em colégio, com a cara pintada o tempo todo. Apresentávamos em qualquer lugar, com ou sem estrutura e isso foi um aprendizado muito grande, que desemboca numa 3ª coisa importante desse grupo: o fazer muito teatro. Porque teatro tem que se fazer muito, senão não é profissão.

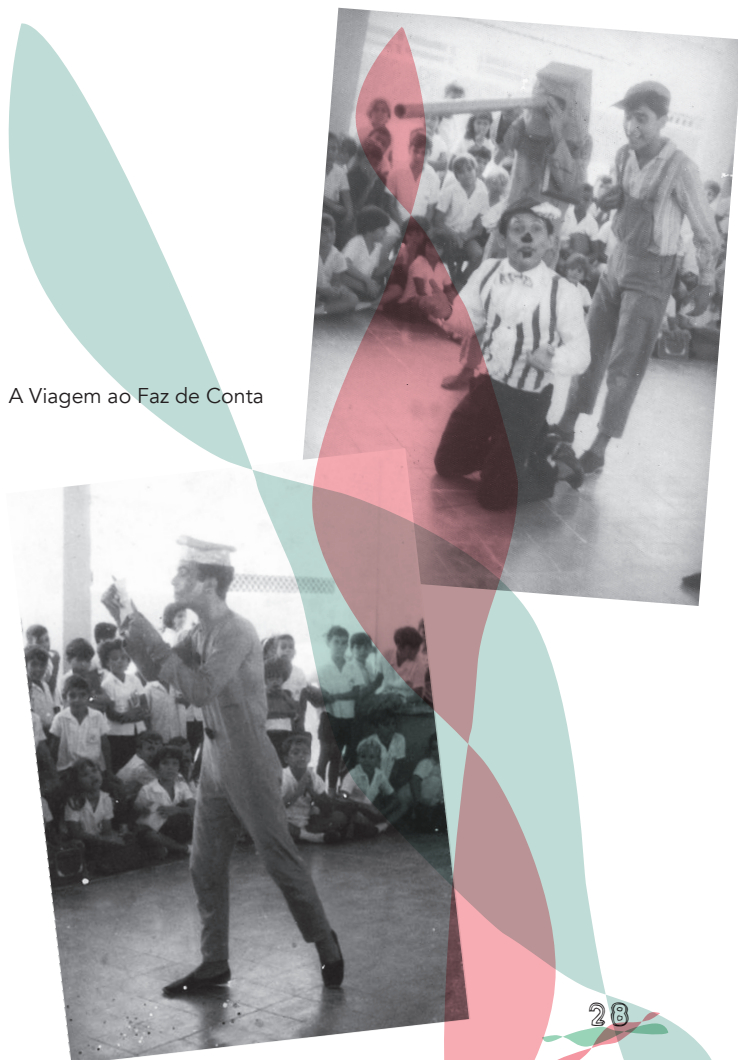
Em entrevista ao jornalista José Pimentel para matéria publicada no *Jornal da Cidade* (período de 12 a 18 de junho de 1976), Paulo de Castro deu mais detalhes sobre a criação do Teatro da Criança do Recife:

Paulo de Castro, que começou no Teatro Popular do Nordeste, em 1965 (sic), fazendo "Cavalinho azul", de Maria Clara Machado, com direção de Rubens Teixeira, afirma que o Teatro da Criança do Recife foi fundado em 1966, "para levar o teatro infantil às escolas". Também não recebe ajuda de particulares e nem do Governo e o convênio que mantém com a Secretaria de Educação e Cultura é engraçado: dão somente a permissão para que o grupo possa se apresentar nas escolas da rede de ensino oficial. "Fazemos uma média de 100 espetáculos por ano, com uma média de 300 a 400 crianças em cada encenação e pagando ingressos a preços baixíssimos, até 20 e 50 centavos. E vamos a todas as escolas, nos mangues ou nos altos". Diz que as maiores dificuldades são: a falta de um local fixo para as apresentações e a inexistência de textos infantis, que já o obrigou a repetir três vezes a mesma peça. "(...) No tipo de teatro que fazemos, apelamos para a imaginação da criança. Usamos apenas acessórios e a criança é quem cria a partir de indica-

ções dos atores. Não usamos cenários. (...) Também os nossos atores, por força desse tipo de trabalho, têm uma outra visão em termos de vivência e experiência. E não nos limitamos a uma única direção. O Teatro da Criança do Recife já utilizou a experiência de vários diretores como Rubens Teixeira, José Francisco Filho e Sérgio Sardou, entre outros".

Do repertório inicial do Teatro da Criança do Recife nos anos 1960, constam: *A Viagem ao Faz de Conta*, de Walter Quaglia, com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo Roberto (Paulo de Castro), Geisa Brayner e Wellington Luiz (Wellington Lima, substituído por Pedro Henrique), além de Augusto, Kátia, Lucila e Luiz (sem indicação dos sobrenomes); *A Revolta dos Brinquedos*, de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, também com direção de Rubens Teixeira, tendo no elenco Paulo de Castro, Wellin-

A Viagem ao Faz de Conta





A Duquesa dos Cajus

ton Luiz (Wellington Lima), Evandro Campelo, Sérgio Sardou (substituído por Paulo de Góes), José Antônio Acioli, Lourdes Flório e Moema Cavalcanti (substituída por Dóris Gibson), entre outros; e *A Duquesa dos Cajus*, de Benjamim Santos, com direção Marco Camarotti e no elenco, Marilena Mendes (Marilena Breda), Gilson Barbosa, Paulo de Castro e Ana Lúcia Leão, entre outros. Sem datas confirmadas por esta pesquisa, ainda realizaram as peças *A Onça* e *A Bode*, *A Bonequinha de Louça* ou *A Lojinha do Seu Lalau*, ambas com texto e direção de Fred Francisci; *A Revolta dos Brinquedos*, pela direção de Sérgio Sardou; e *O Coelhozinho Pitomba*, texto de Milton Luiz e direção de José Francisco Filho, todas em circulação por escolas.

Com novas produções, o 2º semestre de 1967 já foi mais animador para o teatro no Recife. Em outubro, estreou a comédia infantil em 2 atos, *Maria Minhoca*, pelo Teatro Escola Renato Via-

na, que fez uma série de espetáculos nos vários bairros da capital, sob direção de Walter Barros. No elenco, Edileuza Roberta, Denis Chagas, Dionísio Luis, Anita Vasconcelos e o próprio diretor, Walter Barros. Um dos espaços visitados foi o Salão do JECS de Brasília Teimosa. Também foi apresentada a opereta infantil *A Maçã de Ouro*, original de Maude O. Wallace, em tradução de Odete Pires Bezerra, no Teatro de Santa Isabel, mesmo palco que, de 31 de outubro a 13 de novembro, recebeu o I Festival de Teatro de Pernambuco, promoção da APATCCP (Associação Profissional de Atôres Teatrais, Circenses, Cenógrafos e Cenógrafos e Cenógrafos e Cenógrafos de Pernambuco, entida-



Walter Barros



de atuante desde 1963). Além das peças adultas, a programação para crianças contou com *O Consertador de Brinquedos*, do Clube de Teatro Infantil, e *A Madrasta*, de Amélia Rodrigues, com o Grupo Infantil de Comédias participando em caráter *hors concours*, sob direção de Valdemar Mendonça. No elenco, Romero Nascimento, Eliana Cavalcanti, Maria da P. Cavalcanti, Valéria Matos, Marília Matos, Etiene Cavalcanti e Rivaldo Nascimento. *Viagem ao Faz de Conta*, que seria apresentada pelo Teatro da Criança de Pernambuco (como foi intitulado inicialmente o Teatro da Criança do Recife), por motivos superiores foi cancelada pelo diretor Rubens Teixeira.

Podendo ser vista por crianças e adultos, a montagem *O Menino e o Sol*, do Teatro Estudantil de Pernambuco (TIP), com texto e direção de Frederico Francisci, estreou no Teatrinho da AIP, aos domingos, às 17 horas, em dezembro de 1967, espaço que vinha funcionando desde 1961 como um teatro de bolso com 170 poltronas. Os figurinos eram de Terêsa Emília e a maquiagem de Nita Campos Lima. No elenco, Sílvio Belo (na personagem José e também responsável pela cenografia), Inalda Silvestre (Mãe Senhora), Joaquim Melo (Menino), Lucila Carvalho (Princesinha), Dida

(Aia), Mário Gouveia (Rei), Reginaldo Silva (Carrasco), Antônio Garcia (Vento), Laurinete Teles (Nuvona), Cida Ventura (Nuvem, substituída por Marinete Dantas), Teresa Cristina (Nuvinha), Daniel Maia (Palhaço Triste), Clenira Melo (Velha Vida) e José Francisco (Sol) – em conversa informal a esta pesquisa no dia 29 de outubro de 2013, Clenira Melo e José Francisco Filho recordaram esta estreia profissional deles no teatro. Já a Festa da Mocidade saiu do Jardim 13 de Maio e aportou na frente da sede social do Esporte Clube do Recife, um prenúncio do seu fim. Em paralelo, o cronista Adeth Leite denunciou no *Diário de Pernambuco* (26 de janeiro de 1967) o desinteresse pelos teatros do Recife. Segundo ele, o Santa Isabel estava em “estado de penúria” e “uma autêntica estufa”, de tão quente. O prometido Teatro de Bolso no Edifício do Banco do Brasil não havia sido inaugurado ainda; o Teatro do Parque estava “relegado à sala de ensaios da bandinha municipal, exposição de pinturas ou para cultos evangélicos”; a direção do Teatro de Arena limitava-se a alugá-lo, o mesmo que acontecia com o Teatrinho da AIP; o Teatro do Dérbi encontrava-se “de fôgo morto”; e o “Barracão” do Barreto Jr, o Teatro Marrocos, “com a encenação de rebolados com números



TEATRO SANTA ISABEL
O CLUBE DE TEATRO INFANTIL Apresenta!
"O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS"
De STELLA LEONARDOS, 2 atos repletos de
encantamentos
Direção: OTTO PRADO
Aos sábados, às 16,00 e domingos, às 10 hs.



O Consertador de Brinquedos

de strip-tease sem progresso. No último domingo não deu função por falta de público". Fechado em dezembro de 1967 quando Barreto Júnior desistiu do espaço e decidiu fazer espetáculo no Clube Internacional do Recife, o Teatro Marrocos tem sua área hoje ocupada por uma agência da Caixa Econômica Federal.

Em compensação, o ano de 1967 foi bastante movimentado pela presença de 18 conjuntos itinerantes que ocuparam o Teatro de Santa Isabel, o TPN, o AIP e o Teatro da Faculdade de Filosofia do Recife, com espetáculo de mímica, leituras dramatizadas, shows e peças, nenhuma infantil. Entre as equipes visitantes, a Companhia Bahiana de Comédias, o Teatro de Arena da Bahia, a Companhia Paulo Autran, a Companhia Eva Todor e Seus Artistas, Os Dionysos, o Teatro da Universidade da Paraíba e a Sociedade Paulista de Comédia, com Carlos Alberto e Yoná Magalhães à frente. E mesmo com pouquíssima produção para a criança, 1967 foi importante por ser o ano de lançamento do Clube de Teatro Infantil, núcleo profissional dedicado exclusivamente à linguagem

para a infância. A estreia se deu com a peça *O Consertador de Brinquedos*, de Stella Leonardos, com direção de Otto Prado em "2 atos repletos de encantamentos", como divulgavam nos constantes anúncios de jornal. No elenco, Leandro Filho, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Ilza Cavalcanti, Alna Prado e Eliezer Ataíde (os dois últimos oriundos do Teatro de Brinquedo, assim como o diretor Otto Prado), em temporada no Teatro de Santa Isabel. No livro *Memórias da Cena Pernambucana – 01* (op. cit., p. 116-117), Otto Prado lembrou deste começo:

Em 1967, no meio do furacão, fui convidado para dirigir a montagem de *Arena conta Zumbi*, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, estavam Alna Prado, Ilza Cavalcanti, Marilena Mendes, Leandro Filho, Dinaldo Coutinho e Eurico Lopes. (...) Estava fundado o Teatro de Comédia do Recife. Foi uma ótima experiência. Começamos a discutir a necessidade da formação de público para o teatro. A partir de uma

idéia do Leandro, formamos o Clube de Teatro Infantil. Nele, as crianças associadas tinham a carteirinha e com ela recebiam um desconto de 50% no ingresso. Sem mensalidade, pois a intenção era despertar o hábito de ir ao teatro, formando cada vez mais um público certo. Nossa 1ª montagem foi *O consertador de brinquedos*, de Stella Leonardos, também em 1967. No elenco, Alna Prado, Ilza Cavalcanti e Marilena Mendes, Eurico Lopes e Eliézer Ataíde. Dinaldo afastou-se da direção dos grupos, ficando tudo sob a responsabilidade minha e de Leandro. Várias montagens se sucederam, apresentando textos de autores consagrados e, também, de alguns estreados. De minha parte, eu gostava de fazer adaptações de clássicos da literatura infantil, logicamente procurando modernizá-los para maior aproximação com as crianças da época. Conseguimos com esse tipo de trabalho atingir não só o público infantil, mas o juvenil e também o adulto. Como no atual cinema para crianças, havia piadas para os maiores, agradando muito aos pais. (...) Seria altamente injusto não falar aqui, com destaque, do trabalho de Alna que, além de excelente atriz, trouxe uma grande contribuição para o nosso grupo com a sua experiência na criação e confecção de figurinos, cenários e máscaras (...) Paralelamente, fazíamos montagens adultas com a mesma equipe, assinando Teatro de Comédia do Recife. (...) Eu e Alna ficamos com o grupo até 1975 – oito anos ótimos – quando fomos para o Rio de Janeiro, com *A chegada de Lampião no inferno* (Jairo Lima) e depois viemos para São Paulo, onde mantivemos por 20 anos o Teatro Cenarte, com mon-



tagens ininterruptas, para crianças e adultos. (...) Nosso propósito foi lançar as sementes geradoras de uma futura platéia adulta.

Em 1968, surgiu o 2º espetáculo do Clube de Teatro Infantil, *A Árvore Que Andava*, texto de Oscar Von Pfuhl, também com direção de Otto Prado. No elenco, Ilza Cavalcanti, Eurico Lopes, Marilena Mendes (Marilena Breda), Agenor Coutinho e Alna Prado. A peça deveria ser lançada no dia 6 de janeiro, um sábado, às 16h30, com nova sessão programada no dia 7, domingo, às 10 horas, mas aconteceu um impasse por conta de um decreto do prefeito Augusto Lucena aumentando as taxas das duas casas oficiais da municipalidade, o Teatro de Santa Isabel e o Teatro do Parque. Com anúncios pagos na imprensa, o Clube de Teatro Infantil avisou o cancelamento das sessões e denunciou a cobrança indevida por parte da Prefeitura do Recife. O anúncio trazia o seguinte texto publicado no *Diário de Pernambuco* (6 de janeiro de 1968): "*A Árvore que Andava*, peça programada para hoje às 16,30, não será apresentada em virtude das novas taxas cobradas pelo Prefeito do Recife, para ocupação do Teatro não permitirem qualquer espetáculo local...". O cronista Adeth Leite explicou a situação no *Diário de Pernambuco* (7 de janeiro de 1968):

O Clube de Teatro Infantil deveria ter lançado ontem, no Santa Isabel, mais um espetáculo dedicado à gurizada



recifense (...) Todavia, a temporada foi suspensa "sine die" em virtude do decreto municipal nº 8698 de 3 do corrente, considerado o "monstrego municipal" do comêço do ano, uma vez que as taxas extorsivas cobradas afugentam os conjuntos locais, passando um próprio municipal a ser transformado em autêntica casa comercial, quando é sabido que o teatro oficial faz parte da educação de um povo, não constituindo fonte de renda em nenhuma parte do mundo. A propósito, os diretores do Clube do Teatro Infantil dirigiram em data de 5 do corrente, ao prefeito Augusto Lucena, o seguinte telegrama: 'O Clube do Teatro Infantil após tentar montar com grandes dificuldades um teatro para criança no Recife, vendo frustrados seus propósitos, devido ao decreto 8698, de 3 do corrente, assinado por V. S., inspirado em má hora pelo diretor dos teatros [referem-se ao dramaturgo e cronista teatral Vanildo Bezerra Cavalcanti], autêntico líder da destruição do movimento teatral recifense recomendando a V. S. aplicar taxas impossíveis de serem cobertas pelas fracas rendas da bilheteria, apela para V. S. reconsiderar o citado decreto, objetivando não assassinar os grupos locais empenhados em elevar o nome cultural do Recife.

O telegrama foi assinado por Otto Prado e Leandro Filho. Poucos dias depois, Adeth Leite es-

clareceu melhor o assunto no *Diario de Pernambuco* (10 de janeiro de 1968), compartilhando sua opinião e temores.

Teatro não pode servir de fonte de renda em parte nenhuma do mundo onde exista um povo civilizado. A tornar-se efetiva a execução do famigerado decreto municipal nº 8698, desestimulando o crescente movimento artístico do Recife, proibindo e vedando o acesso aos vários conjuntos cênicos do Recife, em sua maioria, mantidos pelo próprio esforço de cada um dos idealistas que integram as suas fileiras, de vez que não há qualquer ajuda oficial para mantê-los, ao contrário, o que há realmente é o desejo de afugentá-los das ribaltas do Santa Isabel e do Parque. (...) Em parte nenhuma do mundo civilizado teatro foi, é ou será fonte de renda para manter a burocracia do funcionalismo e dos empregados encarregados da limpeza. Mas é aí precisamente onde a porca torce o rabo; os teatros municipais do Recife não têm as mínimas condições de conforto e higiene a oferecer às companhias locais ou itinerantes, e muito menos ao público, não podendo, portanto, a prefeitura do Recife se dar ao luxo de cobrar taxas de inscrição e diárias de 50 e 40 cruzeiros novos (fora os extraordinários) de quem quer que seja. Estão contados os dias dos conjuntos teatrais do Recife.

Ao relembrar o ano de 1968 em matéria retrospectiva, o cronista Adeth Leite voltou à questão no *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1969):

O ano que ontem findou, teatralmente não foi grande coisa no Recife, isto

TEATRO SANTA ISABEL CLUBE DE TEATRO INFANTIL

"A ÁRVORE QUE ANDAVA", peça programada para sábado, às 16,30 e domingo, às 10 horas, deverá voltar brevemente ao cartaz.

porque começou errado, com as assinaturas dos decretos municipais n.os 8.698, de 3 de janeiro de 1968 e 8.894 de 22 de maio de 1968, com os quais o prefeito de Recife afugentou os verdadeiros e autênticos conjuntos cênicos locais de acesso aos teatros mantidos pela municipalidade.

A confusão foi tanta que o prefeito se viu obrigado a revogar os famigerados decretos. Importante lembrar que os prêmios Melhores do Teatro Pernambucano Durante o Ano de 1967 não foram entregues, demonstrando já que a ACTP estava definindo de vez. Quanto às montagens em cartaz, ao total, oito conjuntos itinerantes estiveram no Recife em 1968, entre eles o Mini-Teatro do Rio de Janeiro, o elenco do Teatro Santa Roza, a Companhia Márcia de Windsor e a Companhia Ginaldo de Souza,

além da de Glauce Rocha. Da produção local adulta, destaque para *Um Sábado em 30*, em reprise, e *Oito Mulheres*, de Robert Thomas, ambas do TAP, dirigidas por Valdemar de Oliveira, esta última apresentada no Teatro das Damas Cristãs, na Ponte de Uchôa, já que o grupo não encontrou pauta livre no Teatro de Santa Isabel; *Viva o Cordão Encarnado*, de Luiz Marinho, pelo TUP, com direção de Clênio Wanderley; *O Grande Marido*, pela Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, que festejou 40 anos de teatro com festa artística nos salões do Clube Internacional do Recife; o Teatro da Universidade Católica de Pernambuco, com *A Derradeira Ceia*, de Luiz Marinho e direção de Rubens Teixeira; *Andorra*, de Max Frish, e *O Melhor Juiz, o Rei*, de Lope de Veja, pelo TPN dirigido respectivamente por Benjamim Santos e Rubem Rocha Filho; e o lançamento do grupo Teatro Novo do Recife, com *O Doente Imaginário*, de Molière, sob a direção de Marcus Siqueira.

Das casas de espetáculos, funcionaram o Teatro de Santa Isabel, o TPN, o estreado Teatro Novo do Recife, no Palácio dos Manguinhos; o Teatro da AIP, o Teatro das Damas Cristãs e o Teatro



Filha de Bruxa
Não é Bruxinha





A Volta do Chapeuzinho Vermelho



Marrocos, este último apenas com rebolados. Ainda em 1968, surgiu a 3ª montagem em sequência do Clube de Teatro Infantil, com a peça de Leandro Filho *Filha de Bruxa Não é Bruxinha*, sob direção de Otto Prado. **No elenco, Ilza Cavalcanti, Maudra Siqueira, Eurico Lopes, Renato Lins, Albenis Amaral, Augusto César, Alna Prado e sua filha Elenora Prado, ainda criança.** No ano seguinte, em 1969, a peça *A Árvore Que Andava*, do Clube do Teatro Infantil, cumpria temporada aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. Nesta época, Alfredo de Oliveira era o secretário interino da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Recife e a administração municipal prometeu melhoramentos no Cine-Teatro do Parque, que ganhou esta nova intitulação e não agradou em nada aos cronistas teatrais. Mas as melhorias ficaram só na promessa! O Teatro do Parque, agora como cine, era chamado de "O Elefante Branco da Rua do Hos-

pício". Voltou à cena em 25 de janeiro de 1969, mas continuava funcionando precariamente, até mesmo com a falta de um quadro de luz, já que a verba prometida do SNT não veio. O cronista Adeth Leite ironizou no *Diário de Pernambuco* (8 de janeiro de 1969): "Quando será inaugurado, ou re-inaugurado (como queiram) o Teatro do Parque?".

Durante um bom tempo, segundo ele, o movimento teatral recifense continuou de "fôgo morto", tendo somente função, aos sábados e domingos, o Clube de Teatro Infantil, órgão do Teatro de Comédia do Recife, sob direção de Otto Prado, que em 1969 estreou um 4º trabalho, *A Volta do Chapeuzinho Vermelho*, **texto e direção do próprio.** **No elenco, Alna Prado (também responsável por figurinos e maquiagens), Albenis Amaral, Augusto César e Renato Lins.** Em dezembro, a peça foi ao Auditório da Rádio Difusora de Caruaru, numa promoção do TEA (Teatro Experimental de Arte). Na capital pernambucana, além das atividades nos teatros de Santa Isabel, Marrocos e a presença do Circo Hong-Kong e Circo Garcia, o TPN, durante o período de festas, recebeu apenas aos sábados, às 16 horas, o Teatroneco, grupo voltado ao teatro de bonecos, originário do Cecosne (Centro Educativo de Comunicação Social do Nordeste), com o seu 1º trabalho de uma longa carreira que durou até a década de 1990. O espetáculo era formado por três tex-



tos: *A Cabra Cabriola*, de Hermilo Borba Filho, *Haja Pau*, de José de Moraes Pinho, e *A Ponte Quebrada*, de Séraphin. No elenco dirigido por Hermilo Borba Filho, com assistência de Benjamim Santos, estavam Luiz Maurício Carvalho, Fernando Augusto Gonçalves, Lúcia Neunschwander, Armia Escobar e José Rocha. As músicas foram compostas por Antônio José Madureira.



Clube de Teatro Infantil

Ainda em maio de 1969, o Clube de Teatro Infantil lançou *O Jacaré Azul*, peça "de beleza, texto do crítico alagoano Medeiros Cavalcanti, com direção e cenário de Otto Prado; iluminação de Leandro Filho e figurinos de Alna Prado, em cartaz aos sábados, às 16h30, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Otto Prado (Narrador), Alna Prado (Lebre), Albenis Amaral (Macaco e Jacaré), Ilza Cavalcanti (Onça e Coruja), Augusto César (Papagaio), José Santos (Leão) e, na sua estreia teatral, Lourival Melo (Lobão) e Eliana Cavalcanti (Silkana), a filha do autor e já uma destacada bailarina do Curso de Danças Clássicas Flávia Barros. Destacou o *Diário de Pernambuco* (25 de maio de 1969):

A peça de Medeiros Cavalcanti foi premiada em 1954 pela Prefeitura do antigo Distrito Federal (Guanabara). No ano seguinte foi publicada em fascículos pelo "Diário de Notícias", do Rio, como modelo de peça infantil, radiofonizada pelo Rádio Nacional.

No *Jornal do Commercio* (31 de maio de 1969), elogios à ação de Otto Prado & companhia.

Este é ainda um mundinho feio onde crianças não têm vez. Felizmente aparecem sempre isolados heróis que, num e noutros ângulos, fazem esforços dispersos a favor da gatinha miúda. Exaltá-los para mim, é dever. Um desses bravos é o Otto Prado, que man-

tém nesta cidade o Clube de Teatro Infantil. Meu Deus, como a gente se espanta de tamanha façanha! (...) No teatro "Santa Isabel", todos os sábados, às dezesseis e meia horas, criança tem diversão e educação. Pode rir, entreter-se, entregar-se de corpo e alma às suas necessidades lúdicas de jogo e fantasia, aprendendo ao mesmo tempo a apreciar uma arte das mais completas e levadas: a da cena, do teatro. Com tôdas as implicações de ordem educativa, social, cultural, que o ato de presença numa casa de espetáculos carrega em si. Infinitas. Imensas. Ressaltada a saúde mental, claro. Se todos os sádicos, os sedentos de sangue e crueldade, tivessem uma infância feliz, pintando, representando bichos e duendes, jogando, amando e sendo amados, sou capaz de jurar que a violência e a maldade desertariam deste mundinho horrível, de que nem subidas à lua podem fazer esquecer o lado monstruoso, tremendo, escuro (e os lunautas ainda foram olhar o do satélite).